CORPO, MEMÓRIA E DISPUTAS DISCURSIVAS NO AFROTURISMO: PROPOSIÇÃO DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA CORPORIFICADA

Body, Memory and Discursive Disputes in Afrotourism: proposition for an embodied discursive analysis

Luciana Pereira da Silva[1]

RESUMO

O turismo pode ser compreendido como um dos fenômenos mais emblemáticos da sociedade contemporânea, ao configurar-se como uma rede de sentidos atravessada por disputas de memória, poder e representação. No contexto latino-americano, marcado por heranças coloniais, processos de racialização e diásporas negras, tais disputas tornam-se ainda mais evidentes nas narrativas sobre patrimônio, cultura e identidade. Este trabalho tem como objetivo propor uma abordagem metodológica para a análise do afroturismo como um campo crítico atravessado por tensões entre visibilidade, apagamento e produção de memórias sobre a população negra. Para isso, propõe-se uma análise discursiva corporificada, estruturada em cinco dimensões: institucional, discursiva, performática, memorial e dos efeitos. Como forma de ilustrar o procedimento analítico, utilizou-se como material empírico o Guia Recife Afro, publicação institucional, produzido pela Secretaria de Turismo e Lazer da Prefeitura da Cidade do Recife, além de duas notícias veiculadas no período de lançamento do material. Espera-se evidenciar como o afroturismo se configura como um território de disputas discursivas e memoriais, no qual corpo, território e ancestralidade operam como instâncias de reinscrição de outras narrativas sobre o passado, a cidade e a experiência turística na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE

Afroturismo; Memória negra; Análise discursiva corporificada; Disputas discursivas; América Latina.

ABSTRACT

Tourism can be included among the most emblematic phenomena in contemporary society, forming a network of meanings traversed by disputes of memory, power and representation. In the Latin American context, marked by colonial heritage, processes of racialization and black diasporas, such disputes become ever more evident in narratives on patrimony, culture and identity. The objective of this work is to propose a methodological approach for the analysis of Afro tourism as a critical field crossed by tensions between visibility, erasure and production of memory of populations whose origins can be traced back to Africa. To do this, we propose an embodied discursive analysis, structured in five dimensions: institutional, discursive,

[1] **Luciana Pereira da Silva –** Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, Professora Titular da Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Recife, Pernambuco, Brasil. Lattes: https://lattes.cnpq.br/6010670385029393. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3520-4156. E-mail: lu06pereira@gmail.com.

performance-related, memorial and in the effects of meanings projected by discourses. Through illustration by analytical procedures, the Recife Afro Guide has provided us with empirical resources. It has been published by the Secretary of Tourism and Leisure with the permission of the City of Recife, alongside two news items linked to the period when the material was launched. The aim is to show Afro Tourism as a player in the territory of discursive and memorial disputes, where body, territory and ancestry operate to inscribe alternative narratives of the past, the city and the experience of tourism in Latin America.

KEYWORDS

Afrotourism; Black Memory; Embodied discursive analysis; Discursive disputes; Latin America.

INTRODUÇÃO

O turismo, para além de sua dimensão econômica, constitui-se como uma prática social, cultural e discursiva capaz de produzir sentidos sobre o passado, atuando na construção de imaginários, identidades e pertencimentos. Nesse contexto, o turismo cultural e patrimonial desempenha papel central na mediação de narrativas históricas, operando simultaneamente em processos de visibilidade e apagamento de experiências, memórias e sujeitos sociais.

O Brasil[2], reconhecido por sua diversidade cultural, abriga a maior população afrodescendente fora do continente africano (Brasil, 2024). As heranças africanas atravessam de maneira estruturante a formação histórica, social, cultural e simbólica do país. Contudo, apesar dessa presença constitutiva, as experiências, memórias e historicidades da população negra foram continuamente marginalizadas, produzindo regimes de visibilidade marcados por silenciamentos e apagamentos.

É nesse cenário que o afroturismo vem se consolidando, sobretudo nas últimas décadas, como um campo emergente de tensionamento dessas ausências, ao propor a valorização de histórias, culturas, territorialidades e memórias afro-brasileiras. Embora práticas associadas a esse segmento antecedam sua institucionalização, observa-se recentemente a incorporação desse campo por discursos[3] e políticas oficiais, a exemplo do documento *Diagnóstico das Políticas*

[2] Segundo Costa (2010, p. 12), o Brasil foi o último país do mundo ocidental a findar com a escravidão. Sobre o fato a autora ainda faz a seguinte observação "os ex-escravos foram abandonados à sua própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em realidade. Se a lei lhes garantia o status jurídico de homens livres, ela não lhes fornecia os meios para tornar sua liberdade efetiva".

[3] O termo discurso é compreendido neste trabalho na perspectiva de Fairclough (2019, p. 94-95): "proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais". O discurso é socialmente constitutivo e contribui para a constituição de todas as estruturas de poder. Há três efeitos construtivos do discurso, são eles: a) o discurso contribui para a construção das identidades

Públicas de Afroturismo no Brasil (Brasil/UNESCO, 2024), bem como de iniciativas promovidas por órgãos governamentais e agentes do setor turístico. Tal movimento não indica propriamente a emergência do fenômeno, mas sua inserção em regimes institucionais de produção de sentidos sobre patrimônio, memória e turismo, nos quais determinados discursos passam a ser legitimados e visibilizados, enquanto outros permanecem à margem. Nesse processo, evidenciam-se disputas em torno da representação, da autoria e da mediação narrativa sobre as experiências negras no turismo. Recentemente, a circulação de material institucional sobre o afroturismo no Brasil[4] evidenciou que a inserção do segmento nas políticas oficiais não ocorre de forma consensual. As reações de coletivos, guias e agentes do campo nas redes sociais revelam tensionamentos sobre legitimidade, representatividade e autoria das discursividades sobre a memória negra e os territórios diaspóricos.

Diante do exposto, é necessário atentarmos para o que problematiza Smith (2021) sobre o "Discurso Autorizado de Patrimônio". A autora afirma que as narrativas patrimoniais são historicamente construídas por instâncias hegemônicas responsáveis por definir o que deve ser lembrado, preservado e legitimado como patrimônio. Portanto, a atribuição de valor ao patrimônio não se configura como um processo neutro, mas permeado por conflitos discursivos e relações de poder que atravessam as formas de reconhecimento, legitimação e preservação patrimonial. Para corroborar essa problematização, apresenta-se o conceito cunhado por Emmanuel Adu-Ampong (2025) sobre "Ausência Corporificada do Passado", compreendido como a presença física de sujeitos negros e a ausência de suas narrativas, memórias e protagonismos nos discursos oficiais sobre a história, a cultura e o patrimônio.

É a partir dessas disputas que se torna possível compreender não apenas aquilo que é visibilizado, mas também o que permanece ausente nos discursos sobre o passado. Nesse contexto, a ausência não se configura como uma simples lacuna, mas como efeito de disputas discursivas e institucionais que atravessam os discursos ao reconhecer e preservar determinadas memórias. Tal perspectiva dialoga com a compreensão de Adu-Ampong (2025) que, ao analisar

sociais e posições sujeito; b) contribui para construir as relações sociais entre as pessoas; e c) contribui para a construção do sistema de conhecimentos e crenças.

[4] Refere-se ao Boletim de Inteligência de Mercado – Afroturismo (Brasil, 2026), publicação institucional que teve como objetivo de sistematizar dados e perspectivas sobre o segmento no país. A circulação do material nas redes sociais gerou críticas e embates por parte de coletivos, guias e agentes de afroturismo, particularmente, em relação às disputas de legitimidade sobre as discursividades, de representatividade, mediação institucional e sobre quem pode narrar e conduzir os discursos sobre o afroturismo no Brasil.

roteiros vinculados à lugares de escravidão, evidencia o paradoxo existente entre a presença física da população afrodescendentes e a ausência de suas narrativas nesses lugares.

A partir desses pressupostos, sustenta-se a tese de que, no afroturismo, o corpo negro emerge como território de memória e instância discursiva, cujas narrativas possibilitam a construção de políticas de enfrentamento ao racismo e o tensionamento dos processos de apagamento, reinscrevendo outras formas de narrar o passado.

Para desenvolver essa discussão, o artigo inicialmente problematiza o afroturismo como campo atravessado por disputas discursivas e memoriais. Em seguida, discute Recife como cidade diaspórica marcada por tensões entre presença, apagamento e patrimonialização da memória negra. Posteriormente, apresenta-se a proposta da Análise Discursiva Corporificada, explicitando suas dimensões analíticas e possibilidades de operacionalização a partir do Guia Recife Afro. Por fim, discutem-se as contribuições da abordagem para a compreensão do afroturismo enquanto prática de reinscrição narrativa e tensionamento de regimes de visibilidade sobre o passado.

RECIFE COMO CIDADE DIASPÓRICA: ENTRE APAGAMENTOS E PRESENÇAS CORPORIFICADAS

A reflexão de Emannuel Adu-Ampong (2025), sobre a “Ausência Corporificada do `Passado”, permite compreender as tensões existentes no espaço urbano, em seu tecido social e discursivo no qual há a presença da população afrodescendente suas marcas de legado, por outro lado, existe o silenciamento de suas vozes e histórias. Essa perspectiva encontra eco na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, cuja formação histórica está vinculada ao tráfico de pessoas escravizadas, no entanto, nas narrativas do turismo ainda se estruturam os discursos do colonialismo.

Recife, na primeira metade do século XIX, destacou-se como um dos principais portos de entrada de pessoas escravizadas no Brasil, compartilhando um contexto similar ao de outras cidades escravistas, como Rio de Janeiro e Salvador (Carvalho, 2022). Sobre está dinâmica das atividades em suas zonas portuárias também é discutida por Canário (2023), que ressalta o papel do Recife como porta de entrada para milhares de escravizados. Muitos deles, após desembarcarem em Pernambuco, eram comercializados na Rua da Cruz — atual Rua do Bom Jesus, principal via da cidade à época.

Nesse sentido, retomando Adu-Among (2025), sobre a "ausência corporificada do passado", é possível verificar a ausência corporificada na sinalização turística da Rua do Bom Jesus, no bairro do Recife. A placa informativa instalada no local destaca a presença da *Sinagoga Kahal Zur Israel*, reconhecida como a mais antiga das Américas, mas não há qualquer menção que remeta ao período escravocrata que marcou tão profundamente a história dessa região. Essa omissão exemplifica o processo de apagamento da presença negra e da memória da escravidão no imaginário turístico oficial da cidade, configurando o que o autor denomina de ausência corporificada, presença material dos vestígios históricos sem a correspondência narrativa que lhe dê sentido, conforme podemos verificar na imagem abaixo.

Figura 1. Placa de Sinalização da Rua do Bom Jesus



Fonte: A autora (2025).

Essa discussão, que à primeira vista pode parecer restrita a uma simples placa de sinalização, revela uma dinâmica mais complexa, enquanto determinados patrimônios são destacados e valorizados, as histórias da população negra vinculadas àquele território permanecem silenciadas. Nesse contraste, evidencia-se como o discurso institucional tende a naturalizar práticas de apagamento da memória histórica, transformando o esquecimento em parte do próprio processo de construção simbólica da cidade. Tal dinâmica dialoga com o que Laurajane Smith (2021) denominou de Discurso Autorizado de Patrimônio (*Authorized Heritage Discourse – AHD*), no qual determinadas memórias são legitimadas como patrimônio, enquanto outras permanecem à margem dos processos de reconhecimento, preservação e visibilidade. Nesse contexto, a ausência corporificada do passado, proposta por Adu-Ampong (2025), materializa-

se no corpo e no espaço da cidade, evidenciando as disputas simbólicas em torno da memória negra no Recife.

É nesse contexto de disputas discursivas sobre memória, patrimônio e representação que emerge o *Guia Recife Afro*, publicação institucional produzida pela Secretaria de Turismo e Lazer da Prefeitura do Recife. Seu processo de elaboração e lançamento insere-se em um cenário mais amplo de institucionalização do afroturismo no Brasil, marcado por disputas em torno da autoria narrativa, da legitimidade dos discursos sobre a memória negra e das formas de mediação das experiências afrodiaspóricas no turismo. No caso específico do Recife, a elaboração do guia foi precedida por uma audiência pública realizada na Assembleia Legislativa de Pernambuco, da qual participaram profissionais do guiamento turístico e agentes vinculados ao campo do afroturismo, reivindicando espaços de representação, escuta e participação na construção dos discursos sobre a memória negra da cidade.

MEMÓRIA, CORPO E RESISTÊNCIA: EPISTEMOLOGIAS NEGRAS CONTRA O DISCURSO PATRIMONIAL AUTORIZADO

Apontando como o discurso autorizado de patrimônio pode se apresentar de forma textual, apresenta-se o título da notícia publicada à época que antecede o lançamento do *Guia Recife Afro*. Compreendemos que nesta fase o debate público sobre a ausência de roteiros vinculados à presença negra na cidade emerge de forma problematizadora, associada a noção de abandono e de reivindicação por reconhecimento, notícia 1 – “Reunião pública discute pontos turísticos abandonados do Recife”. Nesse momento, o tema aparece atravessado por demandas da sociedade civil e por enunciados que tensionam a ausência de políticas efetivas. Na notícia 1, podemos entrever que o patrimônio afrodescendente não é tratado como um direito histórico, mas como um problema urbano (pontos turísticos abandonados). Esse enquadramento reforça o discurso do colonialismo, uma vez que desloca a violência da escravidão do racismo estrutural para o campo da gestão pública, tensionando o apagamento como uma falha técnica e não como um efeito discursivo constitutivo da prática discursiva[5].

É possível afirmar que essas discursividades ao colocarem em evidência o patrimônio permitem que as epistemologias negras insurjam como gesto de ruptura à ordem discursiva. Embora, a

[5] Para Fairclough (2019, p.96) a Prática discursiva “é constitutiva tanto da maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”. Fairclough (2019) considera a relação entre o discurso e a estrutura social como dialética.

ruptura não aconteça no plano institucional, mas como um gesto disruptivo que tensiona o discurso dominante e o desestabiliza, na insistência de um corpo que é memória e território. Neste caso, a memória não é apenas lembrança, mas corpo em movimento, território de resistência e re-existência. Resistir ao apagamento discursivo configura-se como um ato político de corpo, memória e história. Assim, o corpo negro se faz arquivo vivo, reinscrevendo presenças silenciadas no espaço e na história, transformando a ausência em potência de memória. Dessa forma, a memória, longe de se fixar como arquivo do passado, funciona como lugar de atravessamento entre tempos, inscrevendo o passado no presente como gesto de resistência dos sentidos.

Para Nascimento (2022, p. 80) a relação entre o intelecto e a memória, entre a cabeça e o corpo, entre a pessoa e a terra é denominada de "Ôri", palavra que tem origem na língua Yorubá e significa "cabeça" ou "centro", consistindo no ponto de ligação entre o humano como o mundo transcendental, "elo entre o passado e o presente, entre o tempo histórico original em Àfrica, e o hordieno na América nagô (Brasil, Haiti, Cuba etc.)". Afirma ainda Nascimento (2022, p. 86): "[...]todo descontínuo há contínuo histórico memorável na história entre povos dominadores e subordinados, que eleva sempre a dignidade e a singularidade humanas [...]", fazendo emergir a compreensão de que a ausência não é apagamento absoluto, mas presença tensionada que se atualiza nas práticas sociais, enquanto experiência corporificada de memória, estabelecendo nesta perspectiva uma aproximação com o conceito de ausência corporificada do passado cunhado por Adu-Ampong (2025). Tal noção não será apenas mobilizada como referencial de leitura, mas será ponto norteador para a análise orientando a identificação de tensões, deslocamentos semânticos e operações discursivas que possam evidenciar a disputa entre o que é autorizado aparecer e o que fica na zona de apagamento e/ou permanece à margem.

A compreensão do corpo como território de memória e instância de produção discursiva aproxima-se da proposta de escrevivência formulada por Conceição Evaristo (2023), na qual a experiência vivida, a memória e a corporeidade negra constituem formas legítimas de produção de sentidos e narrativas sobre o mundo. Nesse sentido, propõe-se uma organização analítica estruturada em cinco dimensões que, embora apresentadas separadamente para fins metodológicos, encontram-se imbricadas no processo interpretativo das materialidades discursivas do afroturismo.

ANÁLISE DISCURSIVA CORPORIFICADA

Ao ser apresentada como proposição metodológica, a Análise Discursiva Corporificada não se configura como um modelo fechado, mas como um procedimento analítico em elaboração, sensível às disputas discursivas, às materialidades e às experiências corporificadas que atravessam o campo do afroturismo. Tal proposta reconhece as contribuições da Análise do Discurso[6] e da Análise Crítica do Discurso[7] na problematização das relações entre linguagem, poder e sociedade. Entretanto, parte-se do entendimento de que tais abordagens, embora fundamentais, apresentam limites quando mobilizadas para a análise do afroturismo, especialmente por privilegiarem as formações discursivas e textualidades em detrimento das dimensões da corporeidade, da memória, da territorialidade e da experiência vivida.

Nesse sentido, propõe-se um deslocamento analítico que compreende o corpo negro não apenas como objeto de representação, mas como instância de produção discursiva, território de memória e mediação simbólica das experiências afrodiaspóricas no turismo. Tal deslocamento ancora-se em epistemologias negras e decoloniais, especialmente nas contribuições de autores que compreendem o corpo como espaço de inscrição histórica, ancestralidade e produção de sentidos. Assim, a Análise Discursiva Corporificada mobiliza criticamente aportes da AD e da ACD, sobretudo na articulação entre linguagem, poder e efeitos de sentido, mas amplia esse horizonte, propondo uma ampliação analítica que contempla também as dimensões performáticas, memoriais e territoriais presentes nas experiências turísticas e patrimoniais.

A operacionalização da Análise Discursiva Corporificada organiza-se em cinco dimensões analíticas: institucional, discursiva, performática, memorial e dos efeitos. Tais dimensões possibilitam compreender o afroturismo como um campo atravessado por disputas de memória,

[6] A Análise do Discurso (AD) de linha francesa, na perspectiva de seu fundador, Michael Pêcheux. Na concepção do autor, o discurso não pode ser analisado em uma relação linear como um texto, uma vez que é necessário relacioná-lo "ao conjunto de discursos possíveis" a partir de condições de produção determinadas. (Pêcheux, 2014, p. 74-81). Na perspectiva do autor, todo processo discursivo pressupõe a presença de formações imaginárias e suas projeções nas formações discursivas nas quais os sujeitos (sujeitos do discursivo) se inscrevem para projetar os seus discursos. Na perspectiva da AD o sujeito é interpelado pelo discurso não havendo sujeito empírico, mas sujeito do discurso.

[7] A Análise do Discurso (AD) de linha francesa, na perspectiva de seu fundador, Michael Pêcheux. Na concepção do autor, o discurso não pode ser analisado em uma relação linear como um texto, uma vez que é necessário relacioná-lo "ao conjunto de discursos possíveis" a partir de condições de produção determinadas. (Pêcheux, 2014, p. 74-81). Na perspectiva do autor, todo processo discursivo pressupõe a presença de formações imaginárias e suas projeções nas formações discursivas nas quais os sujeitos (sujeitos do discursivo) se inscrevem para projetar os seus discursos. Na perspectiva da AD o sujeito é interpelado pelo discurso não havendo sujeito empírico, mas sujeito do discurso.

representação, territorialidade e produção de sentidos. Essas dimensões não operam de forma linear ou hierárquica, mas articulam-se relacionalmente, compondo um arranjo analítico no qual cada uma tensiona aspectos específicos das materialidades discursivas analisadas. Desse modo, as dimensões podem emergir simultaneamente no material empírico, sendo mobilizadas a partir das tensões, silenciamentos, disputas e efeitos de sentido que atravessam o corpus.

Quadro 1. Síntese das cinco dimensões da Análise Discursiva Corporificada

Dimensão	Foco analítico/ Questões norteadoras	Aspectos observáveis
Institucional	Quem produz e legitima os discursos sobre o afroturismo? Quais são as condições de produção[8] desses discursos?	Nessa dimensão, observa-se como instituições, políticas públicas, mídias e agentes institucionais produzem, enquadram e legitimam discursos sobre o afroturismo. A análise considera as condições de produção discursiva e as materialidades mobilizadas, como roteiros, folhetos, publicações institucionais, matérias jornalísticas e conteúdos midiáticos.
Discursiva	Quem fala sobre o afroturismo e quais vozes são legitimadas?	Observa-se os enunciados e os sujeitos presentes ou ausentes nos materiais, incluindo atores institucionais, midiáticos, comunitários e vinculados aos territórios.
Performática	Modos de materialização no corpo, na experiência do guiamento	Observa-se a presença corporal, a entonação, os gestos, as pausas, os silêncios e outras performances que evocam memória, território e historicidade.
Memorial	Quais conteúdos são mobilizados? Quais conteúdos são apagados ou silenciados? A escravidão é tema central ou é uma abordagem periférica?	Observa-se como os discursos acionam memórias da população negra, identificando apagamentos, silenciamentos e disputas narrativas, bem como se o território é significado como lugar de memória ou apenas como ponto turístico
Efeitos discursivos	Quais efeitos discursivos são produzidos sobre a escravidão?	Observa-se como o material, o guiamento e a condução narrativa produzem sentidos, afetos, identificações, tensionamentos ou silenciamentos sobre a memória da escravidão e das experiências negras

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

As dimensões apresentadas não devem ser compreendidas de forma isolada, pois se articulam às tensões discursivas presentes nas materialidades analisadas. Entretanto, sua emergência

[8] Segundo Courtine (2009), as Condições de Produção correspondem ao conjunto de circunstâncias históricas, sociais, ideológicas e institucionais que possibilitam a formulação e a circulação de um discurso, definindo os lugares de fala, os sujeitos autorizados a enunciar e os sentidos que podem ser produzidos em uma determinada conjuntura.

analítica pode variar conforme as especificidades de cada materialidade discursiva, não sendo necessário que todas se manifestem simultaneamente.

A seção seguinte demonstra a operacionalização da Análise Discursiva Corporificada no corpus selecionado. Embora a proposta metodológica permaneça aberta a diferentes interlocuções teóricas, sua formulação encontra-se particularmente alinhada a perspectivas latino-americanas, decoloniais, contra-coloniais e afrodiaspóricas, em razão das questões históricas, memoriais e territoriais que atravessam o campo do afroturismo.

ANÁLISE DISCURSIVA CORPORIFICADA: DIMENSÕES E OPERACIONALIZAÇÃO ANÁLITICA

Com a finalidade de demonstrar a operacionalização da proposta metodológica aqui apresentada, recorre-se a exemplos extraídos do Guia Recife Afro (documento impresso) e de duas notícias publicadas à época do lançamento do material, compreendendo tais elementos como materialidades discursivas atravessadas por disputas de memória, representação e legitimidade narrativa. Diante disso, passa-se à análise da dimensão institucional, tomando as condições de produção do Guia Recife Afro como materialidades fundamentais para compreender os enquadramentos institucionais que atravessam a constituição dos discursos sobre o afroturismo.

As condições de produção que antecedem o lançamento do Guia Recife Afro evidenciam um movimento institucional de reorganização das narrativas sobre patrimônio, turismo e cidade no Recife. Em reunião pública realizada pela Câmara Municipal do Recife, debates sobre abandono de pontos turísticos, revitalização urbana e políticas de turismo passaram a tensionar os modos de representação da cidade e de seus espaços de memória.

Na notícia “Reunião pública discute pontos turísticos abandonados do Recife”, publicada em 20 de junho de 2024, o afroturismo emerge em meio a disputas discursivas relacionadas à revitalização urbana, à segurança pública e ao potencial turístico da cidade. Tal movimento pode ser observado no trecho citado atribuído à Vereadora Liana Cirne no qual afirma:

> Nós temos uma história de influência africana muito relevante [...]. Nós temos um circuito natural do Recife assombrado, um circuito muito precioso de igrejas, um circuito potencial de cicloturismo, temos um potencial gigante para o afroturismo. (Câmara de Vereadores, 2024).

O trecho “temos um potencial gigante para o afroturismo” insere as experiências e memórias negras em uma lógica de potencialidade turística articulada à diversificação de circuitos e produtos culturais do Recife. Embora tal movimento contribua para ampliar a visibilidade do afroturismo, torna-se fundamental tensionar em que medida esses processos dialogam com os sujeitos e coletivos que historicamente constroem essas práticas nos territórios da cidade.

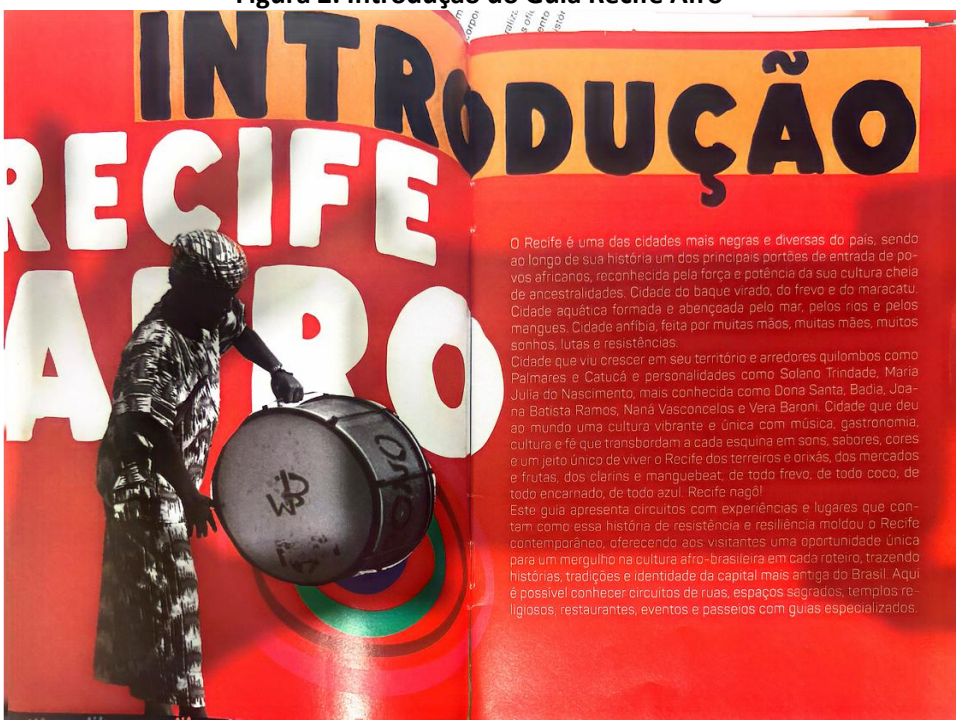
Ainda nas condições de produção que antecedem o lançamento do Guia Recife Afro, observa-se a emergência de vozes vinculadas aos territórios e às práticas do afroturismo. Na reunião pública, a guia de turismo, Niete Cordeiro, da Odara Afro Tour, problematiza os processos de invisibilização das territorialidades afro-religiosas ao afirmar que “no guia turístico que temos acesso, o único terreiro citado é o de Pai Adão. Fora isso, não tem nenhum outro”. O enunciado evidencia disputas em torno da legitimidade patrimonial e da representação das memórias negras no turismo da cidade. Outro ponto de destaque nos enunciados atribuídos à Niete Cordeiro consiste na sugestão de: “falou da necessidade de se criar um guia que faça indicação de lugares de memória afro, com restaurantes afro. Aproveitou para sugerir que modificações na movimentação de veículos no Pátio do Terço, sobretudo em dias de eventos”.

Diante do exposto, observa-se a existência de negociações discursivas em torno da criação do Guia e das ações passíveis de implementação pelo poder público para ampliar a visibilidade das memórias e territorialidades negras na cidade.

Em dezembro de 2024, na notícia 2 – Prefeitura do Recife lança Guia Recife Afro: Valorização da cultura e história afrodescendente, há o lançamento do material. Observa-se que, no momento de lançamento do *Guia Recife Afro*, o discurso institucional desloca-se das disputas anteriormente explicitadas para uma narrativa centrada na valorização cultural, na inclusão e na promoção do turismo cultural. Ao afirmar que o material constitui “uma ponte entre passado e presente”, a Prefeitura do Recife produz um efeito discursivo de reconciliação entre memória, patrimônio e cidade, inserindo as experiências afrodescendentes em uma lógica oficial de valorização cultural. Observa-se, ainda, que os agentes envolvidos na audiência pública, dentre eles os profissionais do afroturismo vinculados aos territórios, deixam de ser nomeados no contexto de lançamento do Guia, evidenciando um processo de institucionalização da narrativa e de mediação das vozes legitimadas no discurso oficial.

A dimensão institucional não se manifesta apenas nas condições de produção do Guia Recife Afro, mas também nas escolhas visuais e simbólicas que organizam a entrada do leitor no material. Nesse sentido, a capa do Guia constitui uma materialidade discursiva relevante, na medida em que produz enquadramentos sobre quais corpos, territórios e memórias passam a representar institucionalmente o afroturismo na cidade do Recife.

Figura 2. Introdução do Guia Recife Afro



Fonte: A autora (2025).

A imagem acima apresentada refere-se à Introdução do Guia Recife Afro, é visível a figura de um homem negro, sem rosto e com os pés suprimidos pelo enquadramento, evidenciando uma representação fragmentada do corpo. Em suas mãos há um tambor, elemento associado a práticas culturais de religiões de matriz afro-brasileiras, enquanto as palavras “Recife Afro” aparecem na cor branca. A estilização da imagem favorece leituras descontextualizadas da experiência negra, deslocando-a de sua historicidade e das disputas territoriais e memoriais que atravessam o afroturismo na cidade.

Já a dimensão discursiva refere-se aos regimes de discursividade que estruturam o produto turístico. Busca-se identificar quem está autorizado a falar, a partir de quais lugares de legitimidade e sob quais condições esses discursos são produzidos e autorizados a narrar sobre o passado. Trata-se de compreender que não existe discurso neutro, mas relações de poder e

processos de legitimação que atravessam essas discursividades, definindo os modos de enunciação e toda a cadeia de produção de sentidos. Os discursos presentes no texto de abertura partem de um processo informativo, de cunho publicitário. Nesse sentido, percebe-se a mercantilização da cultura negra quando desloca de sua dimensão histórica, política e memoriais para a lógica da atratividade turística. Tal enquadramento desloca para segundo plano as marcas da escravidão e da racialização, evidenciando predominantemente um convite ao contato com a diversidade cultural. A problemática desta dimensão revela-se justamente porque, embora o material tenha como propósito conferir visibilidade ao afroturismo e ampliar a experiência turística, permanecem silenciados os discursos e os territórios negros. Observa-se isso no seguinte recorte textual:

> Este guia apresenta **circuitos com experiências** e lugares que contam como essa história de resistência e resiliência moldou o Recife contemporâneo, oferecendo aos visitantes uma **oportunidade única** para **um mergulho na cultura afro-brasileira** em cada roteiro, [...] (Secretaria de Turismo e Lazer da Prefeitura da Cidade do Recife, grifos nossos).

Tais formulações operam na perspectiva da valorização da cultura negra da experiência turística e da mercantilização, deslocando as questões históricas, políticas e memorial para a da atratividade e do consumo turístico.

Na dimensão performática, o foco desloca-se do conteúdo estritamente textual para os modos pelos quais o discurso se materializa no corpo e na experiência do guiamento. Nessa perspectiva, a atuação do guia constitui uma instância central na produção de sentidos sobre o afroturismo, a memória e o território, uma vez que suas discursividades produzem efeitos na interação com o público. Diferentemente do guiamento presencial, em que a corporalidade performática se materializa no corpo do profissional e em sua forma de narrar, compreendendo o corpo como instância de memória e território (Nascimento, 2023), no documento impresso, como o Guia Recife Afro, essa dimensão opera de maneira projetada e normativa, organizando as narrativas e orientando experiências voltadas ao consumo. Desse modo, os discursos sobre a escravidão podem aparecer atenuados ou fragmentados.

Já na dimensão memorial, a análise orienta-se por questões que buscam compreender não apenas o conteúdo histórico mobilizado, mas também os regimes de visibilidade, apagamento e reinscrição que estruturam a memória nos materiais analisados. Nessa perspectiva, a memória deixa de ser compreendida apenas como conteúdo histórico para ser concebida como um campo de disputas discursivas que atravessa o corpo negro enquanto território de memória.

Desse modo, busca-se compreender se as narrativas são produzidas por sujeitos que vivenciam os territórios representados; quais sujeitos, experiências e processos históricos são mobilizados; se a escravidão ocupa uma posição central ou periférica nas narrativas; se o passado é apresentado como um evento concluído ou como um processo cujos efeitos permanecem atuantes no presente; se o território é acionado como lugar de memória ou apenas como atrativo turístico; e quem está autorizado a narrar sobre esse processo histórico.

A título de exemplo, no Guia Recife Afro, observa-se que a institucionalização da narrativa tende a produzir efeitos de apagamento e fragmentação da presença do homem negro. O texto de abertura, ao assumir um caráter informativo-publicitário, opera como um convite à visitação, enfatizando o destino turístico como espaço de diversidade cultural. Nesse movimento, as marcas históricas da escravidão e os processos de racialização aparecem de forma secundária, deslocando o foco para a valorização da cultura local. Esse movimento corrobora a reflexão de Adu-Ampong (2025) acerca da "ausência corporificada do passado", na medida em que os vestígios da presença negra tornam-se visíveis na narrativa, mas as experiências históricas, as lutas, os processos de resistência e as marcas da escravidão permanecem parcialmente apagados ou marginalizados. Desse modo, o passado é evocado como referência cultural, sem que sejam plenamente explicitadas as relações históricas e sociais que constituíram essa presença no território. Vejamos o trecho apresentado na Introdução:

> O Recife é uma das cidades mais **negras** e **diversas** do país, sendo **ao longo de sua história um dos principais portões de entrada de povos africanos,** reconhecida pela sua força e potência da sua **cultura cheia de ancestralidades.** (Secretaria de Turismo e Lazer da Prefeitura da Cidade do Recife,2024, grifos nossos).

No excerto apresentado, a cidade do Recife é caracterizada como “negra”, “diversa” e detentora de uma “cultura cheia de ancestralidades”, mobilizando um léxico de valorização cultural que enfatiza a riqueza simbólica e o pertencimento. Discursividades dessa natureza contribuem para a promoção do destino turístico ao destacar sua diversidade e potência cultural. Entretanto, tais enunciados tendem a operar por meio de uma síntese que pouco tensiona as relações entre povo, território e escravização, tampouco problematiza as condições históricas que possibilitaram a constituição dessa ancestralidade.

Já no trecho “principais portões de entrada de povos africanos”, observa-se um deslocamento dos sentidos associados à condição coercitiva que marcou a chegada dessas populações ao território. A metáfora do fluxo e da circulação substitui a referência direta à violência da

escravidão, produzindo o efeito de uma passagem ou trânsito, em vez de evidenciar os processos de captura, deslocamento forçado e exploração que constituíram a experiência histórica da população africana escravizada.

Na dimensão dos efeitos, observa-se que a fragmentação do corpo negro produz sentidos que podem deslocar a atenção das experiências históricas da escravidão para uma valorização genérica da diversidade cultural. Embora a presença do homem negro confira visibilidade à temática afro, a supressão do rosto e dos pés dificulta sua inscrição como sujeito histórico situado, produzindo um efeito de despersonalização que enfraquece as relações entre corpo, território, memória e escravização. Desse modo, a imagem tende a projetar um imaginário no qual a cultura afro é celebrada, mas as condições históricas que a constituíram permanecem parcialmente silenciadas. Outra leitura possível é que a ausência de elementos contextuais produz um efeito de indeterminação identitária. A figura pode evocar referências associadas ao universo afro-brasileiro, mas a falta de marcas que a situem historicamente ou culturalmente impede uma identificação mais precisa, favorecendo leituras descontextualizadas e deslocadas das experiências concretas dos sujeitos e territórios aos quais poderia estar vinculada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidencia que o afroturismo, quando mediado por materiais institucionais, pode operar na dualidade entre processos de visibilidade e apagamento, na medida em que mobiliza a cultura negra por meio de enquadramentos que tendem a favorecer sua valorização cultural e inserção em lógicas de consumo, atenuando sua dimensão histórica e política. Nesses termos, a valorização da cultura não se converte, necessariamente, em reconhecimento histórico, podendo produzir formas de presença dissociadas das experiências da população negra, tanto no que se refere aos discursos quanto ao apagamento de determinados patrimônios, memórias e territorialidades.

A partir da operacionalização empírica da Análise Discursiva Corporificada, foi possível compreender como tais processos se manifestam de forma articulada nas dimensões institucional, discursiva, performática, memorial e dos efeitos, evidenciando que os discursos sobre o turismo não apenas representam a realidade, mas produzem modos de significar, ver e sentir o corpo negro no território turístico. Desse modo, os efeitos de sentido não se restringem

às materialidades textuais ou imagéticas, mas estendem-se aos regimes de percepção que reconfiguram as relações entre corpo, memória e território.

Nesse sentido, destaca-se que a presença do corpo negro no material analisado não garante, por si só, a inscrição de sua memória, podendo configurar-se como uma presença fragmentada e dissociada de sua história e territorialidade, aproximando-se do que Adu-Ampong (2025) denomina de "ausência corporificada do passado", isto é, a coexistência entre a presença física e a ausência narrativa das experiências históricas da população negra. No contexto do Guia Recife Afro, essa ausência não se apresenta como mera lacuna, mas como efeito produzido por enquadramentos discursivos que silenciam conflitos, violências e disputas de memória constitutivos do processo de escravização e de seus desdobramentos no presente.

Como contribuição, a proposta metodológica aqui apresentada desloca o foco analítico das materialidades exclusivamente textuais para uma perspectiva que compreende o corpo negro como instância de produção discursiva e território de memória. Ao articular discurso, corpo, memória e território, a Análise Discursiva Corporificada oferece um instrumento analítico possível de compreender as relações de poder que sustentam regimes de visibilidade e apagamento no afroturismo. Formulada a partir das experiências históricas da diáspora africana e das disputas de memória presentes nos territórios latino-americanos, a proposta busca contribuir para a construção de abordagens situadas sobre o turismo, capazes de problematizar às heranças coloniais, aos processos de racialização e às lutas por reconhecimento que atravessam a região.

Por fim, reafirma-se o potencial do afroturismo como prática antirracista, desde que orientado por perspectivas que reconheçam o corpo negro como instância discursiva e território de memória, possibilitando a reinscrição de narrativas, patrimônios e experiências historicamente silenciadas ou apagadas. Nessa direção, o corpo negro não se configura apenas como objeto de representação, mas como produtor de sentidos, memória e territorialidade. Com isso, a Análise Discursiva Corporificada constitui um convite para pensar o turismo desde a América Latina, reconhecendo-o como espaço de disputas simbólicas, de produção de conhecimento e de enfrentamento dos processos de apagamento que ainda atravessam as narrativas sobre a população negra e suas heranças diaspóricas.

REFERÊNCIAS

Adu-Ampong, E. A. (2025). Making an embodied absence present: tourism and the cultural imaginary of slavery and colonial heritage in the xxxxxNetherlands. In: Paijmans, Marrigje; Fatah-Black, Karwan (org.). *Slavery in the Cultural Imagination: Debates, Silences and Dissent in the Neerlandophone Space*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Brasil, Ministério do Turismo; UNESCO (2024). Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura. *Diagnóstico do Afroturismo e das políticas públicas relativas ao turismo voltado a cultura afro-brasileira no país e levantamento de boas práticas de Afroturismo em âmbito nacional e internacional,* Brasília/Unesco.

Câmara Municipal do Recife, (2024). *Reunião pública discute pontos turísticos abandonados do Recife.* Câmara Municipal do Recife. Link

Canário, E. (2023). A escravidão e seus espaços no Recife oitocentista, In: GUILLEN, (org.). Lugares de memória e escravidão e da cultura negra em Pernambuco. Editora CEPE, Recife.

Carvalho, M., (2022). Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife 1822-1850. 2ªed. Editora CEPE, Recife.

Costa, E. (2010). *A abolição.* 9ª ed. São Paulo: Editora UNESP.

Courtine, J-J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. EduFSCar.

Evaristo, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In C. L. Duarte & I. D. Nunes (Orgs.), A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Mina Comunicação e Arte.

Fairclough, N. (2019). *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. 2ª ed. 1ª reimp. Editora da Universidade de Brasília. DF.

Nascimento, B. (2022). *O negro visto por ele mesmo*. 2ª reimp. Ubu Editora, São Paulo, 2022.

Pêcheux, M. (2014). Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Betânia S. Mariani et al. 5a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Prefeitura da Cidade do Recife; Secretaria de Turismo e Lazer – Seturel (2024*). Guia Recife Afro* (versão impressa).

Smith, Laurajane. Desafiando o Discurso Autorizado de Patrimônio. *Caderno Virtual de Turismo,* vol. 21, n.º 2, p. 140–154, 2021.